

Passado e Presente: a construção da territorialidade afro-brasileira e indígena na cidade de Goiás-GO*

Rosembreg Ferracini**

“O sertão é do tamanho do mundo”

Guimarães Rosa – O Grande Sertão Veredas

Resumo

O texto a seguir é fruto de uma primeira reflexão em torno da discussão da territorialidade afro-brasileira e indígena na Cidade de Goiás. Nosso ponto de partida é a cultura dos índios Goyases e os negros de Moçambique, Congo e Guiné Bissau trazidos para o sertão goiano. A ação no território dos mesmos nos dias de hoje acontece através do exemplo de duas escolas “Espaço Cultural Vila Esperança” e “Quilombinho,” que mantêm os traços de influência no espaço, através de manifestações artísticas. De origem nos períodos mineratórios a Cidade de Goiás possui fortes traços do cristianismo, no qual o mesmo impediu a ascensão de tais atividades. Neste caso o território alternativo mantém viva suas tradições, através dos signos e significados, presentes na arte. Elementos como língua, costumes e hábitos fazem parte do resgate de tais culturas na Cidade de Goiás, como, por exemplo a territorialidade do Afoxé Ayo Delê.

Palavra-chave: Territorialidade; afro-brasileiro; indígena; educação; Cidade de Goiás

Introdução

Discorrendo-se sobre o tema “Ambiente e Apropriação do Cerrado”, pode-se falar entre outros aspectos, sobre as diferentes formas de apropriação cultural e a transformação desse espaço pelo homem. Caminhando neste raciocínio, vamos proferir alguns aspectos da ocupação do Cerrado, que também pode ser chamado, em menor medida, de “sertão”, mais incisivo ainda, de “sertão goiano”. Existem diferentes conceitos, alguns secundarizados pela literatura goiana, que aqui se encontrarão – não para confronto, mas, fundamentalmente, para que exploremos suas possibilidades de contribuir para nossa análise.

O sertão já foi visto como lugar. É um conceito que surge em Portugal, referindo-se a toda terra distante de Lisboa, ou seja, toda terra distante do litoral brasileiro, onde, há tempos, ficou a coroa portuguesa. O sertão era o desconhecido.

Nosso objetivo é deixar transparecer a cultura que neste sertão já existia e como essa cultura foi territorializada nos dias de hoje na Cidade de Goiás. Neste aspecto falaremos da cultura afro-brasileira e indígena, que para “esse sertão” foi transportada.

No desenvolver do texto, temos como objetivo mostrar como a cultura afro-brasileira se materializa em espaços diferenciados na Cidade de Goiás. Neste sentido, pensaremos na construção de suas territorialidades. Sack nos ajuda a entender melhor este conceito:

Territorialidade é uma expressão geográfica básica de influência e poder, provê uma sociedade essencial de ligação entre sociedade, tempo e espaço....é o dispositivo geográfico por pessoas de construção de organização no espaço...não é nenhum instinto mas uma estratégia complexa para afetar, influenciar, e controlar o acesso de pessoas, coisas, e relações. Sack (1986, p. 216).

A partir da consideração de Sack, podemos refletir sobre o espaço repleto de signos e significados e com carga de sentidos, valores e crenças construídas pelo homem.

Temos como reforço dessa leitura a perspectiva de Bonemaïsson que nos fala, sobre “o espaço dos homens parece ser de natureza territorial: ele muda, morre e renasce segundo a vida e o destino dos grupos culturais que o compõem”. BONEMAÏSSON (2002, p.106)

Partiremos da idéia de referência desta cultura com a criação de uma instituição que constrói suas imagens, através de um conjunto de práticas simbólicas e pela da valorização dos rituais e de atos que consagram o simbolismo da cada cultura específica. Existem alguns espaços de materialização destas culturas na Cidade de Goiás. Falaremos dos espaços referenciados como instituições sendo eles: Quilombinho e Espaço Cultural Vila Esperança em que tais práticas culturais se materializa na parte interna das mesmas. Suas práticas pedagógicas têm como objetivo simbolizar e demonstrar que os povos africanos e indígenas possuem uma representação também para o cidadão vilaboense.

Território e Cultura.

A valorização do território através da prática simbólica tem sido ressaltada por alguns autores que seguem a corrente culturalista. Nesta concepção;

o território envolve “ordem individual e coletiva”, a possibilidade de os grupos manifestarem articulações territoriais de resistência, em contraposição ao “espaço liso”, homogeneizante, imposto pela ordem social e política dominante. Guatarri, Ronilk (1986. p,13).

Na mesma análise, Haesbaert (2001, p.118) diz que o território “prioriza a dimensão simbólico-cultural mais subjetiva, o território entendido sobretudo como apropriação e valorização simbólica de um grupo sobre seu espaço”, e com este exemplo podemos falar da materialização da cultura afro em Goiás.

Ao tratarmos do lado imaterial do homem, estaremos entrando no campo da sua subjetividade. O homem carrega consigo marcas do seu imaginário na sua consciência, porém, “não é consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” MARX e ENGELS, (1986, p.16). Nossa fala remete a espaços onde a educação e a reafirmação das culturas já citadas contribuem para a valorização a vida de crianças da periferia da Cidade de Goiás. Os Espaços Quilombi-

nho e Espaço Cultural Vila Esperança são projetos de educação que atendem essas crianças na perspectiva do resgate da sua identidade cultural. Dessa forma “o sentido que o homem dá às coisas, torna-se tão importante quanto as próprias coisas.” (BONEMAISON apud Wadel, 2002, p.89).

Consideramos que a forma de apropriação do espaço por um grupo de pessoas transforma-o em território, seja por uma representação sobre o mesmo, seja por um campo de forças e ações políticas. De modo que não podemos separar a dimensão simbólica da dimensão política de território.

Bonemaïsson nos oferece outra interpretação da relação cultura e território, observando que “o espaço não pode ser separado do território. É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço” Bonemaïsson (2002, p. 101).

Torna-se relevante neste sentido, resgatar o conceito de cultura elaborado por Clifford Geertz, representante da Antropologia Interpretativa, para o qual esta é vista como ato simbólico ou conjunto de atos simbólicos, “a cultura não como poder”, mas “algo ao qual podem ser atribuídos casualmente aos acontecimentos sociais, aos comportamentos às instituições ou processos”, esses em que resultaram em uma nova forma de se manifestarem no espaço.

Geertz nos fala da absorção antropológica com o exótico. A partir dos exemplos dos cavaleiros bárbaros, os negociantes judeus, os legionários franceses, existem as diferentes formas específicas de interpretação destas culturas. Desse modo há dificuldade em relacioná-los uns com os outros pela diversidade intrínseca existente entre eles. Esses são exemplos opostos aos seus significados, possuem construções imaginativas distintas a partir da realidade que ele nos descrevem, o que nos faz crer, assim, que as suas culturas se diferenciam de acordo com sua realidade, não só historicamente. Assim continua o autor,

a cultura como uma ampla e variedade de diferenças entre os homens, crenças e valores em costumes e instituições, tanto no tempo como de lugar para lugar, é essencialmente sem significado ao definir sua natureza. Geertz (1989, p.47).

Entre os “espaços” propostos para o trabalho, entendemos que cada qual tem a sua particularidade e representação social das territorialidades culturais afro-brasileira e indígena na Cidade de Goiás.

Abrindo Territórios.

Para melhor entendermos a realidade vilaboense relacionada com a cultura africana, remeteremos à compreensão da exploração e ocupação do território goiano.

A procura pelo ouro, diamante e novas terras, atraiu colonos europeus e bandeirantes rapidamente para o interior da mata-virgem. Este fato contribui para colonização do Centro-Oeste.

As Zonas Pioneiras que se desenvolveram no Brasil, especificamente no Estado de Goiás, Leo Waibel as chama de “um fenômeno de conquistas das terras novas vinculadas à expansão das fronteiras” Waibel (1979, p. 220). A chamada Marcha para o Oeste, para o sertão, respondia às vantagens dos sulistas que caminhavam com o principal objetivo: transformá-lo, modernizá-lo. O interesse era a transformação do sertão, a sua paisagem natural em paisagem cultural, e a produção agrícola. A agricultura adentrou cada vez mais, a expansão da pecuária teve como objetivo buscar lucro como expressão maior. Esta ocupação menos densa era o início que se verificava nesse vasto sertão desbravando-se a mata para uma falsa idéia de que essas eram terras de ninguém.

Para falarmos do presente, às vezes temos que nos remeter ao passado.

Antes da chegada das frentes pioneiras, existiam índios por estas terras. Com relação aos índios que aqui habitavam, não vamos nos remeter aos fatos históricos de sua dizimação, escravidão e expulsão do seu território, chamado hoje de Centro-Sul. A origem do nome *Goiás*, que é um topônimo, significa nome de um lugar, vindo da língua Tupi, que é considerada uma das principais tribos indígenas do país. Essa tribo representava uma forte identidade no país entre as regiões brasileiras. A língua Tupi deu nome não só ao país, mas a uma série de estados brasileiros, entre eles, o Estado de *Goiás*, inspirado nos índios goyases. Esses índios foram expulsos ou partiram em direção ao litoral em 1725 e até dizimados na sua maioria conforme nos fala Moraes (2000, p. 400)

Mesmo com o *aculturação* dos índios e a transformação que se pretendia fazer no “sertão”, o conjunto de epítetos acima citados representa que a cultura imaginária e a resistência dos lugares prevaleceram. Esses são pequenos exemplos da configuração da territorialidade da cultura indígena na ordem da subjetividade.

Neste caso, reafirmamos o pensamento de Bonemaissou (2002, p.107) de que *“a territorialidade é a expressão de um comportamento vivido: ela engloba ao mesmo tempo, a relação com o território e, a partir dele, a relação com o espaço “estrangeiro.”*

A expansão rumo ao sertão causou mudanças no ritmo de vida presente no espaço e nos seres que habitavam este espaço. Caboclos, índios, caipiras e sertanejos eram condicionados a mudarem de um estado chamado primitivo para outro chamado moderno, embora não concordassem com tal. Nasce então uma nova vida, um tempo diferenciado daquele do litoral. Quem mandava era a modernidade. A escolha de viver do modo rústico, toma outro sentido. Diferente do que Euclides da Cunha dizia: “que o verdadeiro Brasil está no interior”

Martins (1997:150) fala sobre uma interessante relação entre fronteira e sertão, este está sempre ali, adiante e distante dos olhos, deixando de existir quando a fronteira dele se aproxima da descoberta do outro e do desencontro. Essa leitura é interessante, uma vez que se existe o outro, diferente do anterior, temos aí a descoberta da principal tese da sociografia brasileira descrita por Candice Vidal, qual seja, a existência de dois brasis: o sertão e o litoral.

O objetivo era a integração desses dois brasis do litoral e o sertão, que faziam parte de um projeto de um outro Brasil, o uno, uniforme, de uma identidade correspondente ao projeto nacional. Uma transformação necessária para os sulistas, que pretendiam criar uma consciência nacional. A idéia forjada de se construir a nacionalidade. Esse era o plano do litoral em relação ao sertão, diz Candice Vidal. (1997)

Refletindo a territorialidade afro na Cidade de Goiás.

Com os acontecimentos da colonização do sertão já ressaltados anteriormente, falaremos um pouco mais da Cidade de Goiás. É uma cidade histórica, colonial, com valores conservadores originários de sua tradição ibérica, agora reforçada pela elite local. As autoridades e famílias mantêm os laços tradicionais, principalmente porque receberam recentemente no ano de 2001 o título de Patrimônio da Humanidade. Para alguns representantes das famílias e “homens públicos”, o título reanima a cultura local a “goianidade”.

A cidade de Goiás é ao mesmo tempo um lugar de grandes riquezas culturais, produzidas no passado, com as marcas da história dos seus próprios habitantes e colonizadores europeus. Uma cidade construída pela mão de obra do escravo e do indígena está marcada nos becos e ruelas. Entre as mais diferentes atividades da Cidade de Goiás temos a cerâmica, a culinária, cestarias de fibras de palha e o turismo como valorização e apropriação deste espaço. Neste conjunto de fatos é que se expressam os projetos educacionais sobre os quais falaremos adiante.

A construção do espaço Quilombinho, enquanto lugar de representação das crianças da Cidade de Goiás, nos remete, primeiramente, à origem do nome. Tal nome se origina de quilombo ou quilombola, que eram lugares de difícil acesso geograficamente, escondidos, distantes, longe dos olhares dos colonos, localizados em áreas marginais no interior, no sertão, distante da colonização européia. O espaço Quilombinho da Cidade de Goiás nasce quase com as mesmas características dos quilombos existentes no interior do Brasil do século XVII e mais ainda, com o mesmo aspecto signatário do sertão.

A partir da entrevista realizada no dia 01/09/2002 na Cidade de Goiás com a Sr^a Antonela de origem italiana, ela que foi a grande mentora do espaço Quilombo, mencionaremos algumas informações a respeito do mesmo, a seguir. Antonella é mais conhecida pelo nome “Clara”, justamente por ter a cor da pele alva.

Antes de ser Quilombinho, o espaço ao qual nos referimos chamava-se Quilombo. Uma das características do “Quilombo” de Goiás é que ele nasce através da idéia de uma mulher. Diferente dos quilombos que eram organizações por negros e homens, este surge por uma liderança feminina e italiana. A figura feminina e estrangeira poderia trazer traços e seqüelas de uma mentalidade colonizadora, mas traz uma nova proposta de vida.

Vejamos o depoimento de Clara:

A ideologia era a do confronto com a realidade de um país pobre, no caso o Brasil. Meu objetivo era de unir os moradores de rua da Cidade de Goiás. O projeto era ir em busca pela superação, da vida dos indivíduos que viviam nas ruas. Ir à procura de resgatar a identidade para daquelas pessoas.

O interesse maior, segundo a entrevista realizada, era de se criar na forma concreta a possibilidade de territorialização de uma cultura, de uma identidade, (ligada no caso aos moradores de rua.), na qual não existisse uma relação com sua população original italiana.

Os primeiros passos foram o contato com o povo da rua, com os negros e mulatos, com a periferia da Cidade de Goiás, com os excluídos chamados por ela de *os miseráveis*. Miseráveis por não terem uma casa e por terem perdido sua referência identitária. Essas pessoas que viviam nas ruas, sem teto, à procura de comida e de sentido para vida, se viram agora com apoio da mentora.

A era casa utilizada como ponto de apoio. Neste caso, o espaço físico entra como resultado da produção: como espaço humano, revelando o passado, o presente e o futuro. Pensamos muitas vezes nas formas espaciais e esquecemos daquilo que lhe dá vida e sentido, ou seja, a maneira pela qual este espaço, aqui a casa, é vivido. Precisamos refletir o espaço como uma teia de ações que se desenvolvem em torno de uma organização que gera um novo resultado desta relação entre o espaço físico e as práticas sociais construídas neste lugar.

Através da conquista deste espaço, da casa, pela mentora e pelos moradores negros, as mudanças foram acontecendo. Os valores dos homens que antes viviam nas ruas tomam outra forma de vida. Neste sentido, o espaço da casa transforma-se em lugar à medida que adquire definição de significado. Um lugar íntimo, onde as necessidades fundamentais por esse grupo de moradores são consideradas e merecem atenção. A casa recebia diferentes pessoas, com diferentes histórias, mas com algo em comum: eram antigos moradores de rua e agora se relacionava. Entre si evidenciava-se um sentimento esperado, o de pertencimento. Esta casa, para esses moradores entrava no sentido do encontro de se completar pela fala, pela troca e pela intimidade.

Os homens, que antes eram moradores de rua, desconhecidos entre si, agora trabalham conjuntamente para alcançarem resultados coletivos, de interesses próprios. É necessário pensarmos o lugar como o produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida Fani, (1996, p.29).

Com o passar do tempo, o quilombo passou a ser um lugar de dimensões, concretizações e materializações da subjetividade das práticas de seus moradores. Numa identidade, através do corpo, onde as relações se tornaram cada vez mais íntimas, o sentido e as ligações sociais entre os próprios moradores se entrelaçaram. As reafirmações de vida foram acontecendo com o tempo. Através de mudanças que aconteciam, os moradores se sentiram mais valorizados, dentro da sociedade. Neste sentido, temos que pensar a conquista de uma territorialidade afro. A territorialidade composta por três elementos: senso de identidade espacial, senso de exclusividade e compartimentação humana no espaço Raffestin apud Soja, (1983, p. 162).

Assim, os próprios moradores da casa sentiram a necessidade e o desejo de que o esforço e o trabalho que vinham sendo feito por eles fossem transferidos para as crianças daquela periferia da cidade. Nasce o Quilombinho para atender crianças com toda aquela dimensão simbólica de signos e significados do "quilombo" construído anteriormente.

Repleto da carga de um simbolismo construído e de práticas geométricas inquestionáveis, pois cada ato era pensado, calculado e estudado para que trouxesse contribuições para essas pessoas. Os antigos moradores guardam palavras, jamais esquecidas, que se transferem para o nome quilombinho. O quilombinho um lugar marcado na memória das pessoas que nele trabalham ou mesmo que confiam em deixar seus filhos, para serem educados, um lugar circunscrito e específico de um grupo de pessoas. Ele traz inscrito na história uma rede de valores para as crianças e, que nos dias de hoje, tomam a forma para a reafirmação de um grupo específico na Cidade de Goiás.

A territorialidade desse grupo fica definida a partir da capacidade de se organizar, de manter forte sua identidade de vida, reconstruída ou mesmo construída, dentro desse espaço. O grupo atendido é composto por filhos de negros, pobres, mulatos e, em raros casos, brancos. As práticas educativas desenvolvidas dentro do quilombinho estão diretamente ligadas às raízes afro e indígena.

Os trabalhos são desenvolvidos através das práticas construtivistas de Piaget e Vygotsky. Os projetos educacionais são criados juntamente com as crianças. Foi elaborado um estatuto para a casa, juntamente com outros parceiros. A evolução das práticas educativas acontece conforme a participação dos pais, que ocorre conforme as necessidades da escola. O quilombinho atende hoje 45 crianças entre 5 e 10 anos e é financiado por uma associação de amigos da Srª Clara que moram na Itália. Não existe participação ou mesmo ajuda do poder público, mas existe o projeto de se construir outro quilombinho em outra região da cidade.

Além do Quilombinho como manifestação da territorialidade afro temos na Cidade de Goiás o Espaço Cultural Vila Esperança.

O Espaço Cultural Vila Esperança nasceu nesta cidade. Este Espaço foi criado por um grupo de educadores em novembro de 1991. Ele está localizado na Rua Felipe Leddet, vizinho direto do Mosteiro Beneditino da Anunciação do Senhor. Seu principal objetivo é trabalhar com crianças e adolescentes relacionadas às questões étnicas no processo de afirmação de uma identidade cultural, de origem indígena e afro-descendentes.

Os educandos que passam pelo Espaço Cultural da Vila Esperança possuem uma característica em comum: na sua maioria são crianças negras, ou afro-descendentes e que moram em bairros da periferia da cidade.

São realizadas atividades e projetos no Espaço Vila Esperança. Entre as atividades existe uma banda de percussionistas e oficinas de máscaras, uma das atividades mais esperadas no ano pelas crianças é o AFOXÉ. Este uma reafirmação concreta da reconstrução da territorialidade Afro-Indígena na Cidade de Goiás. Mas, o que é o Afoxé?

Dentre as diferentes manifestações culturais existentes na Cidade de Goiás temos construído historicamente a presença do Congado, que possui como significado o Reinado no qual todos lembram os negros escravos da África ou no Brasil. Nos dias de hoje, temos também a Festa do Rosário que na sua essência, é uma mistura de tradições e devoções religiosas. No decorrer da Festa do Rosário que é uma festa religiosa, encontramos procissões, romarias e desfiles que marcam a tradição catequética cristã. No Brasil colonial essa era a única forma que os escravos negros encontravam de participar das festas. Temos que enfatizar que essas manifestações não existiram muito tempo na Cidade de Goiás.

A Igreja Católica que era representada pela sua maioria branca, não aceitavam tais manifestações dos negros, que foram consideradas anti-cristãs, como feitiçaria, coisa do passado, assim entra em conflito:

com um lado da igreja o lado cristão “da religião” ou “da fé”, oposto a um lado “atrasado” “de feitiçeiro”, e contrário à própria crença e culto religiosos que, por si mesmos, não podem combinar com a feitiçaria e devem estar excluídos de qualquer ritual da Congada, que os “irmãos” acreditam representar o código de fé e rito da própria Igreja Católica. Brandão (1975, p. 74).

Tais comemorações foram repudiadas e não podiam mais acontecer conjuntamente com as festas religiosas cristãs. Estas expressões religiosas com traços africanos tiveram que ser transferidas para outro período, neste caso o período carnavalesco, agora com um grande entusiasmo. Sem os laços diretos da Igreja Católica, as manifestações do AFOXÉ, começaram a recuperar toda sua história, seus valores, hábitos, cultos, danças, sua beleza enquanto manifestação de uma determinada raça. Assim nos conta Max e Agostini,

A palavra AFOXÉ em língua africana significa Yorubá, pode significar Portador de Axé, aquele que abre caminhos, para passar a beleza, a alegria, a força. Os afoxés são manifestações religiosas afro-brasileiras, de matriz ioruba, criados no século retrasado, na Bahia, por seguidores da Religião dos Orixás, em homenagem ao Orixá Exu, o senhor dos caminhos cruzados. (Max e Agostini, 2002, p. 1)

Um desses “carnavais” é a conhecida experiência do congado. No reinado todos lembram cortejos africanos que originalmente rememoram a Rainha Nginga de Angola e Congo. Hoje são Festas do Rosário na mistura de tradições e devoções. Podemos falar das procissões, romarias e desfiles onde encontramos objetos sagrados da tradição catequética no Brasil.

Nas romarias e procissões que acontecem na Cidade de Goiás, tem-se a presença de simpaticantes, turistas e vilaboenses que andam em colunas orando e pedindo perdão. Tais pessoas fazem pedidos em cerimônia religiosa na qual os sacerdotes e sectários do culto seguem, geralmente

AFOXÉ: Uma expressão de territorialidade

O acompanhamento do AFOXÉ da “Vila” é diferente das romarias e procissões que acontecem no período da páscoa na cidade. No caso dele, a territorialidade é estruturada de dentro pra fora, ou seja, do Espaço Vila Esperança para as ruas. Toda a sua preparação é construída durante o ano. Pensamos territorialidade definido por Sack (1986, p.26) “vai para além da fronteira de exclusão e do controle, e sim uma, construção social, onde os grupos sociais se interajam efetivamente uns com os outros”.

Temos a construção da territorialidade não só pelo viés do poder, mas também de outras práticas, através da criação de novos valores, crenças, desejos, signos e significados. As crianças que participam das atividades da “Vila” são moradores da Cidade de Goiás, de bairros da periferia. São em sua maioria crianças negras, mestiças, de famílias de origens negras e que são esquecidas pelo poder público municipal, estadual e Federal. Elas estudam e fazem parte do ciclo de atividades do “Espaço Vila Esperança”; possuindo como traço comum, sua origem étnica, seu grupo cultural demarcado e uma consciência definida de que são excluídos socialmente. A “Vila” vem para fortalecer essa demarcação territorial existente tanto no plano material como no simbólico, através de rituais e práticas simbólicas que fortalecem, re-territorializam a cultura e permitem que determinados valores desses grupos se reproduzam. Exemplo de tal prática é o AFOXÉ.

O Afoxé da “Vila” prepara sua noite de alegria. Sai às ruas em dia da procissão, ao passo cadenciado do *ijexá*¹, celebrando a esperança. A saída do AFOXÉ às ruas de Goiás vem para representar e reforçar esta territorialidade. No ano de 2002 ocorreu esta prática pela terceira vez, sempre coincidindo com o “sábado de aleluia”, que geralmente é comum com as festas religiosas que acontecem na Cidade de Goiás.

Depois da comemoração dos grupos religiosos cristãos nas ruas de Goiás vem o AFOXÉ da “Vila”, percorrendo um outro curso pela Cidade. “Com a proposta de um mundo melhor, mais livre e mais igualitário, onde cada um terá acesso ao mesmo armário único, não importa a roupa” MAX (2002, p.8) Quando dizemos que o AFOXÉ prepara sua noite de alegria, estamos falando de um fenômeno relacionado aos Blocos Carnavalescos que é muito antigo e se espalha pelo Brasil inteiro. Na Cidade de Goiás podemos lembrar a história dos carnavais alegres e divertidos, vividos antigamente, discutidos anteriormente. É oferecido por Bonemaissou “que a territorialidade é compreendida por muitos, mais pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território” Bonemaissou (2002, p. 99)

Entre os elementos usados de diferenciação e demarcação territorial das outras procissão são as vestes, usadas pelos meninos e meninas freqüentadores da “Vila”. As vestes das crianças durante o percurso do AFOXÉ possuem todo um significado. São no seu cerne de maioria da cultura africana. Ao relacionar as máscaras, as vestes, no caso os trajes femininos são formados pela KANGA^{IV} amarrada de várias maneiras e pelo OJÁ, faixa de pano usada em torno da cintura ou busto, e também como turbante. Há vários modos de amarração do turbante, cada menina escolhe a sua maneira. O traje masculino é formado basicamente pelo ABADÁ (AGBÁDÁ), túnica pequena e folgada, veste de origem árabe, junto com o XOCOTÔ (calça larga e franzida) e o FILÁ, uma espécie de gorro de forma aproximadamente cônica ou cilíndrica, dependendo da função do homem no grupo.

Durante o trajeto do Afoxé a dança africana é feita no percurso das ruas. Que faz parte de uma das oficinas realizadas internamente na Vila pelas crianças. Ministrada pelo Professor “Pio” que vem fazer parte da manifestação da cultura afro por meio do AFOXÉ. O ritmo sugere movimentos corporais com uma enorme variedade de técnicas e comportamentos, de acordo com os diferentes grupos étnicos. A dança é um elemento ritual, religioso, político, cultural e central nas tradições africanas. Existe uma capacidade de autocontrole, de gestão dos próprios impulsos motores que só se adquire depois de muito exercício. Dessa forma, não existe um movimento sequer que seja desperdiçado.

No AFOXÉ ocorre a participação do grupo de Capoeira Angola Candeias, coordenado por Estevão Gomes de Sá, mais conhecido como “Chuluca”. Esse grupo fortalece a construção da territorialidade no Afoxé. “Assim, uma noção de território que despreze sua dimensão simbólica, mesmo entre aquelas que enfatizam seu caráter político, está fadada a compreender apenas uma parte dos complexos meandros do poder” Haesbaert (2001, p.119). Podemos compreender melhor este exemplo através do grupo Meninos de Angola, que participa no trajeto do AFOXÉ tocando os instrumen-

tos de origens africanas a cada passo da dança efetivado nas ruas de pedra da Cidade de Goiás. Entre os instrumentos se encontra o Agogô, que serve para anunciar o início da cerimônia, marcar ritmo e sua mudança de som que acontece de acordo com o toque de cada nação. Outro instrumento é o Caxixi, de origem banto, que faz parte da orquestra da capoeira e foi muito usado nos camdomblés que é uma religião brasileira que tem como na sua maioria simpatizantes negros, além do Xequerê, do Yorubá Séketé, uma cabeça coberta com rede de fios enfiados com contas e búzios ou sementes. Nos tambores se tem o Batá, feito de madeira com duas membranas distendidas por cordão pendurado ao pescoço do tocador e batido dos dois lados com a mão; o Dundun mais conhecido como "Iyá Dundun", quer dizer "Tambor mãe", e é feito de tronco único de madeira, na forma de ampuheta, com duas peles esticadas por cordas ao longo do corpo do tambor. Os ritmos dos instrumentos variam conforme a batida no couro, fazendo pressão sobre as cordas, obtém-se o efeito de volume e tonalidade variados. Este é um exemplo de fortalecimento da valorização da territorialidade na dimensão simbólica-cultural.

Esta é uma das mais profundas formas de manifestação da cultura Afro-brasileira e que vem para reafirmar a idéia trazida por Sack sobre a reafirmação das culturas. A territorialidade se manifestando no espaço com sua capacidade particular. Entendemos a territorialidade como:

atravessando fronteiras, símbolos e formas diferenciadas[...]Poder e influência sempre tangível[...]como abstração teórica sob a construção social, do espaço, [...]relacionada sempre com o controle do território [...] parte inter-relacionada entre as atividades de reação e controle[...]como face de criação e idéias sociais no espaço. Sack, (1986, p.32, 33)

Só participam do AFOXÉ as crianças que fazem parte da "Vila" e que realizam atividades internamente, pessoas que trabalham na valorização da cultura afro-brasileira, formada pela "Vila", pelo grupo Anunciado de Consciência Negra, os meninos de Angola e o Grupo de Capoeira Candeias. Cada integrante tem seu lugar definido conforme a participação nos ensaios, onde são feitas as escolhas de cada papel no AFOXÉ. Uma das principais características existentes na "Vila" é a disciplina e a discussão em grupo pelas e com as crianças.

Para não concluirmos...

O Espaço Cultural Vila Esperança procura ir além da territorialização e da territorialidade afro e indígena. Busca-se por esse "espaço" a revalorização de antigos grupos étnicos. A partir de ensinamentos e práticas educativas que nele são efetivadas, culinária, dança, religião, exemplos já citados, representam uma adesão cada vez maior da população vilaboense.

Contudo, entendemos que a cultura afro é mais valorizada que a indígena. A territorialidade da cultura indígena sucede-se em atividades desenvolvidas no interior dos projetos, entre educadores e educandos. Essas atividades resgatam a ancestralidade indígena, praticadas no cotidiano. Entre elas, as cantigas de roda, onde as músicas de tribos guarani são relembradas, com as crianças sentadas ao chão e em círculo. Geralmente há um símbolo ao meio, como uma panela em chamas simbolizando uma fogueira.

Já o uso do colar e do colete são vestimentas obrigatórias em dias de festas. A culinária diríamos que é a atividade constante, através da pamonha que já é uma tradição goiana, a mandioca, o feijão, peixe, frutas e vegetais. No interior da "Vila", que compreende 14 mil metros, quadrados nota-se um cuidadoso acompanhamento arquitetônico "de pequenas ruas, becos, praças, casas e monumentos, jardins e fontes numa miscelânea bem brasileira" MAX (2000, p.315). Existe um memorial indígena, lugar de exposições de arte indígena, livros, documentos audiovisuais, artesanato, máscaras, e outras peças de arte.

Não se pode dizer que haja manifestações espaciais de caráter indígena nas ruas da cidade, diretamente. As manifestações são restritas ao interior da Vila, enquanto as pessoas de origem afro percorrem a cidade, como o citado AFOXÉ. Através dos trabalhos mencionados, esperamos que o nosso exercício traga uma contribuição a este debate que se inicia na perspectiva sócio cultural.

Notas

* Texto elaborado a partir da contribuição das discussões feitas na disciplina Ambiente e Apropriação do Cerrado, ministrada pela Prof. Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira, no primeiro semestre de 2002, no Curso de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás.

** Licenciado e Bacharel em Geografia pela Unesp Presidente Prudente, Especialista em História pela UFG e professor do curso de Geografia na UEG – Universidade Estadual de Goiás –na Cidade de Iporá e Aluno ouvinte.

1. Os termos utilizados tais como, Kanga, Ojá, Abadá, Xocotô, Fila, Agogô, Caxixi, Batá e Dundun; são da língua Quicongo e Quimbundo, dos Banto, na língua Yoruba, são falados no Congo e na Angola. A língua Quimbundo é certamente uma das línguas africanas mais importantes no Brasil, que de acordo com Robert Sack os elementos que fazem parte de uma construção espacial demarcam sua territorialidade.

Referências Bibliográficas

BONEMAISSE, Joel. "Viagem em torno do Território" In ROSENTHAL, Zeny e CORRÊA Roberto Lobato (orgs.) Geografia Cultural (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Org. *Do Sertão à cidade: os territórios da vida e do imaginário do camponês tradicional*. In: Territórios do Cotidiano: Uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre/ Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/ UFRGS/ Ed. Universidade de Santa Cruz/ UNISCO, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do Santo Preto*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: UFG, 1985.

CARLOS, Ana Fani. Definir o Lugar?. In. *O lugar no/do Mundo*. Ed. Hucitec 1996, SP.

GUATARRI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.

HAESBAERT, Rogério. *Territórios Alternativos*. Niterói: EdUFF; São Paulo: CONTEXTO, 2002. 186 P.

_____. "Território e Cultura e Des-territorialização". In ROSENTHAL, Zeny e CORRÊA Roberto Lobato (orgs.). *Religião, Identidade e Território*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

KOOGAN/HOUAISS. *Enciclopédia e Dicionário*. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1994.

MAGNOLI, Demétrio, *O Corpo da Pátria: Imaginação Geográfica e Política externa no Brasil (1808-1912)* - São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista: Moderna, 1997 (Biblioteca Básica).

MARTINS, José de Souza. *O Tempo da Fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da gente de expansão e da frente pioneira*. In: *Fronteira. A degradação do Ouro nos confins do humano*. Hucitec, São Paulo, 1997 pág. 195-203.

MARTINS, Cleo.; LODY, Raul. (Org.) *Faraimrá, o caçador traz alegria: Mãe Stella, 60 anos de iniciação*. Rio de Janeiro: Pallas, 2000.

MAX, Robson.; AGOSTINI, Lucia. *Boletim Informativo. Afoxé Aiyó, Delé*, 2002.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Lisboa: Avante, 1981.

MORAES, A C. *Consolidação da soberania Portuguesa no Brasil*. In: *Bases da Formação Territorial do Brasil*. Hucitec, 2000, pág. 367-417.

RAFFESTIN, Claude. *O Território e o Poder*. In: *Por uma Geografia do Poder*. Ed Ática, 1993. SP.

SACK, R. *Human Territoriality: its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. *A Construção de Brasília: Modernidade e Periferia*. Goiânia. Ed. da UFG, 1997.

Abstract

The text to follow is fruit of a first reflection around the quarrel of the territoriality afro-Brazilian and aboriginal in the City of Goiás. Our starting point is the culture of the Goyases indians and the blacks of Moçambique, the Congo and Guiné Bissau brought for the goiano hinterland. The action in the territory of the same ones nowadays happens through the example of two schools Space Cultural Village Hope and Quilombinho, that it keeps the traces of influence in the space, through artistics manifestation. Of origin in the mineratórios periods the City of Goiás keeps forts strong traces of the Christianity, in which the same hindered the ascension of such activities. In this in case that the alternative territory matém alive its traditions, through the signs and meanings, gifts in the art. Elements as language, customs and habits are part of the rescue of such cultures in the City of Goiás, as, for example the territoriality of the Afoxé Ayo Delê.

Key words: territorialities, afro-Brazilian, indians, education, City of Goiás.